

Diniz crê em renegociação antes de 1985

**Da sucursal de
BELO HORIZONTE**

O empresário Abílio Diniz, diretor superintendente do grupo Pão-de-Açúcar, previu ontem, em Belo Horizonte, que a renegociação da dívida externa brasileira acontecerá antes do final do ano, devido à alta das taxas de juros norte-americanas. Segundo ele, devido à conjuntura internacional não é mais possível esperar o novo governo brasileiro para a renegociação tanto da dívida principal quanto das taxas de juros, que é hoje uma necessidade fundamental para o País.

Abílio Diniz afirmou que a renegociação da taxa de juros não será feita entre bancos, mas entre países. Falando a empresários mineiros na Fundação Dom Cabral, o superintendente do grupo Pão-de-Açúcar disse que a comunidade financeira está inclusive disposta a capitalizar os juros da dívida externa brasileira junto ao principal, para efeito de uma próxima renegociação dos débitos financeiros do País.

Ele criticou a aceitação incondicional, pelas autoridades brasileiras, das regras do FMI, afirmando que o País deu tudo em troca da simples rolagem momentânea da dívida externa, sem a garantia de possibilidade de renegociação. A longo prazo, para o empresário, os resultados colhidos depois de três anos de recessão até agora foram insuficientes, "pois temos hoje uma estrutura produtiva enfraquecida, agravada pela queda dos salários reais".

Abílio Diniz disse ainda que o modelo adotado pelas autoridades econômicas brasileiras não convence, porque só existe crescimento no setor industrial ligado à exportação, que não tem beneficiado a população e tem um equilíbrio precário, pois é feito em grande parte sobre as exportações para os Estados Unidos.

Explicou que o desempenho das exportações deve ser atribuído ao excepcional crescimento das exportações para os Estados Unidos, que superaram em mais de 70% o volume de comércio mantido pelo Brasil com os norte-americanos em igual período do ano passado. Observou, no entanto, que, com o aumento das taxas de juros no mercado norte-americano, a situação fica perigosa para o Brasil, pois os Estados Unidos limitarão as importações.